

PRÓLOGO



O SALÃO DE CONFERÊNCIAS DO HOTEL INTERCONTINENTAL em Belém, Palestina, estava em polvorosa. Cerca de 500 cristãos de mais de 20 países ouviam com atenção a ampla variedade de palestrantes convidados. De repente me dei conta do fato de que estava em uma das mais importantes cidades da Cisjordânia, incrustada no Estado de Israel e com população majoritariamente muçulmana, participando de um evento muito relevante organizado pela antiga Igreja palestina, bastante influente no passado. Era o segundo dia da conferência, e eu ainda estava tentando absorver tudo o que estava vendo e ouvindo.

Fora do hotel, barricadas tinham sido levantadas e jovens palestinos, muçulmanos e cristãos, atiravam pedras nos soldados israelenses que respondiam com bombas de gás e balas de borracha. Não muito distante de tudo isso que estava acontecendo, aparentemente indiferente a toda aquela agitação e tensão que circundava a cidade, a Igreja da Natividade continuava a receber milhares de turistas que queriam ver e tocar aquele que é tradicionalmente reconhecido como o lugar do nascimento do Príncipe da Paz, Jesus de Nazaré.

Enquanto a conferência acontecia, pela primeira vez percebi que vários setores da Igreja Evangélica Ocidental (inclusive a Igreja brasileira), devido à sua forte ênfase na teologia dispensacionalista pré-milenista, possivelmente estavam (a) contribuindo para a falta de paz no Oriente Médio, (b) sendo parcialmente responsáveis pelo sofrimento que os árabes palestinos suportavam há mais de cinco décadas e colaborando para a criação de barreiras no que diz respeito à comunicação do amor de Cristo aos muçulmanos na Palestina e ao redor do mundo.

Estou ciente de que essas declarações são fortes, mas, será que tais afirmativas podem ser claramente demonstradas? Depois de ler os livros de Eugene

Rogan, sobre a história moderna do povo árabe¹, e de Rupen Das², sobre o papel dos cristãos em um mundo que sofre, tive o desejo de descobrir se minhas asseverações estavam corretas.

O dispensacionalismo é um sistema teológico muito criticado e algumas vezes desprezado. Bowman, por exemplo, o associou “a nomes como Hitler e o Nacional Socialismo, o Catolicismo Romano, a Ciência Cristã e o Mormonismo”³. Dale Moody, outro teólogo antipático ao dispensacionalismo, afirmou que “em sua forma moderna [...] (o dispensacionalismo) é um desvio que não pode ser traçado depois de 1830”⁴ e Richard Foster considera essa teologia como simplesmente uma heresia⁵.

Entretanto, é importante observar que este trabalho não é, *per se*, escrito com a intenção de analisar se o dispensacionalismo é ou não resultado de uma hermenêutica correta, nem de defender a perspectiva teológica que está no outro extremo do espectro, a saber, a Teologia da Aliança. O que se pretende mostrar é quais são os efeitos da Teologia Dispensacionalista e seus resultados (a) na política mundial e no Oriente Médio, (b) na vida da Igreja no Oriente Médio e em todo o mundo e (c) no pensamento missiológico e na práxis da Igreja ocidental.

Este trabalho tem como bases pesquisas em textos acadêmicos e também em um levantamento sobre o que os cristãos e a mídia secular, incluindo a mídia social, estão publicando a respeito desse tópico. Minha esperança é que o resultado deste trabalho influencie, ainda que de forma tímida, a Igreja brasileira e seu esforço missionário no mundo muçulmano em geral, e no Oriente Médio em particular.

São Paulo, Brasil

MARCOS AMADO

¹ Eugene L. Rogan, *The Arabs: A History* (New York: Basic Books, 2009).

² Rupen Das, *Compassion and the Mission of God, Revealing the Invisible Kingdom* (London: Langham Global Library, 2016).

³ Charles C. Ryrie, *Dispensationalism* (Chicago: Moody Publishers, 2007), 13.

⁴ *Ibid.*, 14.

⁵ *Ibid.*, 15.

1

DEFININDO O DISPENSACIONALISMO
EVANGÉLICO

DEFINIR SISTEMAS DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA OU ESCOLAS de pensamento teológico é sempre uma tarefa desencorajadora. Esses sistemas, normalmente inspirados por textos de teólogos eminentes de séculos atrás, com o passar do tempo foram apropriados por outros estudiosos e, com muita frequência, pouco a pouco foram sendo modificados com o decorrer dos anos. É de se duvidar, por exemplo, se Lutero, Calvino, Armínio e outros reconheceriam, depois de um longo interregno, as teologias rotuladas por seus nomes.

Da mesma forma, quando um determinado sistema teológico se torna muito disseminado, é praticamente impossível ter controle sobre como ele será ensinado e recepcionado, a despeito do que tenha sido dito ou escrito por seu autor. Ênfases, adições e omissões acontecem, levando, muitas vezes de maneira lenta, a resultados completamente diferentes. Esse fenômeno certamente é verdadeiro quanto ao dispensacionalismo, um sistema teológico desenvolvido pelo clérigo John N. Darby, nascido em Londres, filho de pais irlandeses, no século XIX. A partir de Darby, o dispensacionalismo se desenvolveu e adições e correções a esse sistema aconteceram ao longo dos anos. Por não ser estática, essa escola de pensamento teológico está sempre passando por reavaliações¹. Ainda que seja praticamente impossível apresentar uma definição final plenamente aceita por todos, pode-se pelo menos esboçar suas principais características. Antes de tentar estabelecer uma ten-

¹ Stanley N. Gundry, "Foreword," ed. Craig A. Blaising and Darrel L. Bock, *Dispensationalism in Israel and The Church: The Search for Definition* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992), 116.

tativa de definição, porém, será útil sumarizar as raízes históricas do que veio a ser o dispensacionalismo.

A. As raízes do dispensacionalismo na teologia cristã antes de Darby

Darby pode ter criado esse tão debatido sistema teológico, mas alguns componentes únicos do que veio a ser conhecido como dispensacionalismo já faziam parte da teologia cristã séculos antes de ele nascer e “são encontrados nos ensinamentos da igreja primitiva”². Um desses componentes, a maneira literal de interpretar a Bíblia, tão importante para o dispensacionalismo, já estava em voga por volta do século IV, com a Escola de Antioquia³. Além desse fato, o conceito de um milênio com um Messias resgatando Israel já era uma ideia popular no tempo de Jesus, como pode ser observado à farta nos Manuscritos do Mar Morto^{4 5}.

Depois da ascensão de Jesus, muitos dos primeiros teólogos, também conhecidos como pais da Igreja, afirmavam crer em um arrebatamento pré-tribulacionista e na volta de Cristo para estabelecer um milênio terrestre. Barnabé, Justino, o Mártir, e Tertuliano são apenas alguns exemplos, entre muitos. O pré-tribulacionismo é a opinião teológica que afirma que, na prática, haverá duas “segundas vindas de Cristo”. A primeira será secreta e invisível, quando Jesus arrebatará os crentes antes do início da Grande Tribulação. A segunda será quando ele retornar depois dos sete anos de tribulação para inaugurar o milênio⁶. De fato, essa era a crença ortodoxa e aqueles que assumiam uma posição diferente eram considerados hereges. Com os textos de Agostinho, nos séculos IV e V, houve uma mudança de pensamento, e o amilenismo tornou-se a principal posição teológica da Igreja Ocidental durante muitos séculos. Os que defendem essa posição creem que não haverá um milênio literal, no qual Jesus reinará sobre a terra. Apocalipse 20 é “apenas uma descrição espiritual de todo o período entre a ascensão de Cristo e o fim dos tempos”⁷. Foi apenas no século XII que a doutrina do

² Ryrie, *Dispensationalism*, 62.

³ Sebastian Brock, “The Theological Schools of Antioch, Edessa and Nisibis” in *Christianity: A History in the Middle East* (Ed. Habib Badr, Lebanon: Middle East Council of Churches, 2005).

⁴ William Watson, *Dispensationalism before Darby*, (Silverton, OR: Lampion Press, 2015), Pos. 151.

⁵ Os próximos três parágrafos são um sumário de *ibid.*, Pos. 118-475.

⁶ Allen C. Myers, *The Eerdmans Bible Dictionary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987), 873.

⁷ Alan Cairns, *Dictionary of Theological Terms* (Belfast, UK: Ambassador Emerald International, 2002), 16.

milênio foi restaurada por Joaquim de Fiore, um monge cisterciense. Tomás de Aquino, entretanto, condenou os seus ensinamentos e de Fiore foi considerado herege. Alguns até creem que o milênio começou com Constantino, o imperador romano que se tornou cristão no quarto século e fez do cristianismo a religião oficial do Império⁸.

Em respeito às dispensações, por volta do século II, Justino, o Mártir, defendeu a ideia de que Deus agia através das eras por diferentes dispensações. Assim também pensou Clemente de Alexandria, que mencionou sete eras, no século III; e Agostinho, que apesar de ser considerado o pai do amilenismo, ensinou sobre várias dispensações.

Depois da Reforma, quando os crentes começaram a ler a Bíblia Hebraica (i. é, o Antigo Testamento – especialmente depois da publicação das Bíblias de Genebra e King James), os protestantes começaram a mais uma vez levar a sério as promessas que Deus fez aos judeus, incluindo as ideias de uma conversão em massa do povo judaico nos últimos dias e de que as promessas a Israel na Bíblia são para os judeus, e não para os cristãos. Nos séculos XVI e XVII, houve pré-milenistas – defendem a opinião escatológica que Jesus voltará para “arrebatar” os crentes antes do milênio, que é entendido como um tempo literal de mil anos⁹ –, especialmente na Inglaterra, que acreditavam que os judeus se converteriam e voltariam para a Palestina, o que apresentaria as condições para o cumprimento de várias profecias, até mesmo a volta de Jesus. Há também outra versão da escatologia chamada de pré-milenismo histórico. Segundo ela, a volta de Jesus para estabelecer seu Reino ocorrerá apenas depois de o mundo ser evangelizado¹⁰.

“A despeito das alegações de que o sionismo cristão e o dispensacionalismo pré-milenista são de origem recente, muito pouco do que John Nelson Darby escreveu em meados do século XIX era novidade^{11 12}.”

Alguns líderes cristãos que esperavam **o renascimento de Israel séculos antes de Darby:**

⁸ Watson, *Dispensationalism before Darby*, Pos. 133.

⁹ Charles C. Ryrie, *Basic Theology: A Popular Systematic Guide to Understanding Biblical Truth* (Chicago, IL: Moody Press, 1999), 522.

¹⁰ Donald Wagner, “Evangelicals and Israel: Theological Roots of a Political Alliance”, *The Christian Century*, November 4, 1998, p. 1020-1026.

¹¹ Watson, *Dispensationalism before Darby*, Pos. 8348.

¹² A tabela a seguir foi extraída de *ibid.*, Pos. 970.